

A difícil escolha do presidente

de MARIO ERNESTO HUMBERG

Há pelo menos 12 candidatos à Presidência da República disputando o voto dos brasileiros, mas não é fácil decidir-se por algum deles, se houver a preocupação de escolher bem. O Brasil moderno, o País que está sendo construído anonimamente por milhões de brasileiros afastados de cargos políticos e da direção de entidades paraestatais, não está representado nesse número de candidatos. Ainda assim, é preciso escolher entre os que estão disputando, e escolher bem.

Uma vez que não há candidato ideal, nem que possa ser colocado próximo dessa condição por qualquer um que faça uma análise não engajada emocionalmente, o critério de escolha só pode ser a decisão pelo menos pior. O melhor critério é identificar quem possui as características mais próximas das desejáveis de um presidente, no presente momento.

Em primeiro lugar, se é honesto, a qualidade mais procurada, atualmente, e extremamente difícil de encontrar na classe política. Sem isso será inviável restabelecer a credibilidade necessária para a manutenção da democracia. Em segundo, se foi capaz de exercer um papel positivo, na resistência ao arbítrio e, depois, na consolidação do acordo que permitiu a transição democrática. O País não precisa de heróis — certamente, necessita, como presidente, de um político competente, íntegro, bom negociador e coerente. O que também é raro. Em terceiro lugar, se tem uma visão moderna do processo político. Ou seja, se é capaz de encarnar o papel de presidente de um País que deseja ser do primeiro mundo, com um regime democrático, em que o ocupante do Executivo tem menos poderes e o Congresso mais, como estabelece a nova Constituição.

Com a maioria dos atuais pretendentes, a crise entre Presidência e Congresso é inevitável: eles querem concentrar todos

os poderes e decisões. Esse é certamente um risco que o País não pode correr. Não dá para ter novamente um presidente tentando um golpe, estimulando greves, renunciando ou mantendo uma guerra permanente com o Congresso Nacional para conseguir mais força para seu cargo. Se isso acontecer teremos outra convulsão social, e o País regredirá tudo o que caminhou nestes anos, a duras penas e altos custos.

Não há candidato ideal. Há o menos pior

conceito que alguns ainda mantêm como justificativa para a política estatizante. Embora não seja necessário escolher um paladino da privatização, é fundamental ter um presidente cuja ação seja calcada no bom senso. E hoje, como Ignácio Rangel já demonstra há anos, privatizar é o único caminho do bom senso, de modo que o candidato certo deverá andar nessa direção.

Para os empregados e empregadores de todos os níveis, o novo presidente precisa ser um homem sensível e sensato. A discussão dos salários deverá ter nele um apoio e um estímulo no sentido de ajudar a melhorar a distribuição de renda no País, sem comprometer a necessária expansão da atividade econômica e dos investimentos. Sem demagogia ou irrealismo, mas com firmeza e habilidade.

Certamente para os trabalhadores a melhor opção é alguém que não faça da Presidência um palanque trabalhista, nem militarize a repressão às suas reivindicações, mas ajude a acabar com os salários abaixo de 100 dólares/mês que envergonham o País.

A ilusão de que o Brasil possa dar um

salto para a modernidade, como está fazendo a Espanha, não deve enganar ninguém. Não temos um Felipe González, mas não é só isso: não temos preparo, a começar pela educação básica ou profissional, como os ibéricos. Esta é a grande diferença que não será possível vencer em um nem em cinco anos.

Não há portanto como existir um candidato ideal, nem um partido ideal. Mas quando se analisam os candidatos reais, parece claro que Ulysses Guimarães é certamente o melhor, já que, com sua atitude aberta, é o que menos dificultará o caminho do País até a modernidade, caminho este que o País real já está percorrendo, independentemente de governos e políticos. E que convém não dificultar, já que facilitar parece inviável.

Caminhemos, pois, devagar, mas para a frente. A corrupção, o compadrio, os abusos, as mordomias que infelizmente caracterizam grande parte dos três poderes, em todos os níveis, vão continuar. Mas com a posição negociadora e firme de alguns políticos — entre eles Ulysses — fomos capazes de ultrapassar a fase autocrática e, hoje, sabemos disso tudo explicitamente, graças à liberdade de imprensa e à de manifestação. São elas, associadas a uma melhoria nos sistemas educacionais, que nos levarão a repudiar a espezteira, a lei de Gerson, a corrupção e os corruptores. Leva tempo, mas estamos no caminho. Não podemos nos desviar dele, acreditando em salvadores da Pátria ou em soluções mágicas.

O bom-senso ainda é a melhor alternativa para escolher o presidente. E pode parecer extraordinário; mas é óbvio que o caminho para o Brasil moderno passa pelo partido mais desgastado e pelo mais idoso dos políticos que se pretendem candidatos a presidente. É o que diz o bom senso.

Mário Ernesto Humberg é consultor empresarial e diretor da CL-A Comunicações.